

Platão e Heráclito: parricídio (*Teeteto* 179d-180e) e ressuscitação (*Sofista* 242e-243a)?

Plato and Heracleitos: parricide (*Theetetus* 179d-180e) and resuscitation (*Sophist* 242e-243a)?

André Luiz Braga da Silva
Mestrando – Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: O presente artigo pretende fazer uma análise da relação entre Platão e Heráclito de Éfeso, a partir de duas referências do primeiro ao segundo, uma no diálogo *Teeteto*, outra no *Sofista*; No primeiro, crer-se-ia que o efésio é refutado; no segundo, enaltecido. A partir dos testemunhos de Aristóteles e Diógenes Laércio de que Platão já fora um “heraclítico” na juventude, o estudo investigará tais “assassinato” e “ressuscitação” do “pai” Heráclito por parte de Platão.

Palavras-chave: Platão; Heráclito; Filosofia Antiga; *Teeteto*; *Sofista*.

Abstract: This paper has the pretension to make a analysis of the relationship between Plato and Heracleitos of Efesus, since two referencies of the former to the other one, at the dialogues *Theetetus* and *Sophist*. At the first work, the efesian would be refuted; at the other one, honored. From words by Aristote and Diogenes Laertius that Plato, in his youth, was an “heracleitian”, the paper will research this “murder” and “resuscitation” of “father” Heracleitos by Plato.

Keywords: Plato; Heracleitos; Ancient philosophy; *Theetetus*; *Sophist*.

Introdução

Para que exista a possibilidade de ocorrência de um parricídio, é necessária, obviamente, uma relação de paternidade. Fala-se, por exemplo, no parricídio de Parmênides por parte do personagem Estrangeiro de Eléia no diálogo *Sofista* de Platão. Isso é possível porque tal personagem assume de forma nominal ser “filho” daquele - filiação no sentido filosófico. Quando esta filiação filosófica não é nominalmente assumida, mas sim fruto de interpretação dos textos, ela tem que ser demonstrada. Tal tarefa, entretanto, no caso de Platão e Heráclito, daria ensejo, por assim dizer, a duas ou três teses de doutorado. Ou, talvez, pensando melhor, vinte ou trinta teses. Uma tal empresa, assim, não pode ser levada a cabo na pequena extensão de um artigo. Peço então duas coisas ao leitor: primeiro, perdão por não

Platão e Heráclito: parricídio (*Teeteto* 179d-180e) e ressuscitação (*Sofista* 242e-243a)?

haver aqui oportunidade para uma tal demonstração; segundo, que se tome por verdadeiro o testemunho de Diógenes de Laércio – que, veremos mais à frente, também é o de Aristóteles –, segundo o qual, Platão, no começo de seus estudos filosóficos, seguia as doutrinas heraclíticas¹ – e o que o biógrafo tem em mente é o pensamento do “Tudo flui”. Fica então como ponto de partida não uma demonstração argumentativa da filiação Platão-Heráclito, como seria desejável, mas o apoio em um dado histórico, advindo de duas ditas “autoridades” na biografia do filósofo ateniense. Que este testemunho nos sirva de provocação ao pensar.

Pois bem, nosso estudo tem em vista dois momentos nos quais Platão se ocupa, por assim dizer, de doutrinas ditas heraclíticas. Porém não estamos aqui pensando na etapa inicial de seu percurso filosófico, à qual alude Diógenes, mas sim no auge mesmo dele. Eles estão contidos em dois diálogos capitais do pensamento do filósofo, o *Teeteto* e o *Sofista*, dois diálogos que representam, inclusive, uma sequência dramática². A idéia de sequência passa a tornar a nossa discussão mais instigante ainda, ao se pensar que a leitura platônica de Heráclito parece ser bem diferente de uma obra para a outra. Tanto as idéias apresentadas, como a postura dos debates perante o efésio, parecem divergir de um diálogo para o outro. No *Teeteto*, idéias de mobilismo, fluidez e relativismo são atribuídas a Heráclito, e, neste viés, são combatidas sem dó nem piedade. Já no *Sofista*, a ópera parece seguir outro libreto... Nesta sequência dramática, a questão que nos instiga é: mudou Platão a sua opinião sobre o filósofo efésio? Ou, pensando em outros termos: se é possível aceitar que Platão um dia seguiu as idéias de Heráclito, se um dia então ele fez esse papel de “filho”, no pensamento, do outro pensador, podemos indagar: teria Platão assassinado ferozmente seu “pai” no *Teeteto*, através da refutação, para, no dia seguinte, quando os personagens se reencontram no *Sofista*, enunciar um “Levanta-te, Lázaro”³ e, ressuscitando o melancólico efésio do túmulo, reconhecer a legitimidade das idéias do mesmo? Vejamos o que diz, em suas próprias palavras, o matreiro e mais ilustre discípulo de Sócrates.

1DIOGÉNES LAÉRTIOS, III, p. 87.

2Cf. a referência no fim do *Teeteto* (210d) de um encontro no dia seguinte para continuar a discussão, e a confirmação no começo do *Sofista* (216a) de que ele representa este encontro.

3João 11, 43.

i) No *Teeteto*: Heráclito I

No diálogo *Teeteto*, o personagem homônimo da obra estabelece como primeira definição de conhecimento (*epistémē*) que isto seja não outra coisa que sensação (*aísthēsis*)⁴. Sobre isso, o personagem Sócrates fará duas colocações. Primeiro, diz que este dito é o mesmo (*tà autà*) que dizia Protágoras, valendo-se aquele, todavia, de outras palavras: “O homem é a medida de todas as coisas” (*pánton chremáton métron, anthropon eínai*)⁵; em segundo lugar, afirma Sócrates que o sofista certamente não disseminara entre o vulgo a tese que fundamenta o seu entender, mas que deve tê-lo feito entre seus discípulos. O conteúdo de tal tese – que o personagem Sócrates vê assim como uma espécie de doutrina não-escrita de Protágoras - seria uma certa concepção de que “nada é uno em si e por si (*hén mèn autò kath' hautò oudén estin*), “posto que nada é, estando sempre em devir” (*ésti mèn gàr oudépot' oudén, aei dè gígnetai*)⁶. E, continua Sócrates, sobre esta concepção, atestariam-lhe a verdade todos os sábios (*sophói*), exceto Parmênides: Protágoras, Heráclito, Empédocles, Epicarmo e Homero⁷.

Platão traça através da boca de Sócrates esta conexão: aqueles que afirmam a concepção protagórica, que “o que parece (*dokoûn*) para cada um (*hekáston*) sempre é como parece (*kai eínai touítoi hói dokeîn*)”, afirmam também ser móvel (*pheroménen*) a essência (*ousían*)⁸. Esta idéia de mútua complementariedade entre mobilismo e relativismo não é exclusividade do diálogo *Teeteto*, aparecendo também também no *Crátilo*⁹. Como faces diferentes de um mesmo dado, ficam amarrados na discussão o *lógos* de Protágoras (homem medida) e aquele que nos interessa mais, o *lógos* que diz que “tudo se origina do fluxo e do movimento” (*pánta ékgona roēs te kai kinéseos*)¹⁰. Apesar de ser dito que este *lógos* do mobilismo é comum a todos os sábios exceto Parmênides, quando o debate se aprofundar mais nesta temática, os nomes que persistirão em ser constantemente lembrados serão os de Homero, Protágoras e “Heráclito e toda a sua

4PLATÃO, *Teeteto*151e5 PLATÃO, *Teeteto*152a6PLATÃO, *Teeteto*152d; 152e7PLATÃO, *Teeteto* 152e8PLATÃO, *Teeteto* 177c9PLATÃO, *Crátilo* 440b-e10PLATÃO, *Teeteto* 152e

Platão e Heráclito: parricídio (*Teeteto* 179d-180e) e ressuscitação (*Sofista* 242e-243a)?

tribo” (*pân tò toioûton phýlon*)¹¹. Nesta articulação, portanto, investigar a doutrina protagórica implica realizar também um exame da idéia de uma essência móvel (*skeptéon tèn pheroménen taúten ousían*)¹².

Todavia, este exame não lhes será fácil, haja vista que em torno a (*peri*) tal essência, uma batalha (*maché*) de grandes proporções se desenrola. Nesta guerra, dois exércitos, em lados opostos, parecem estar dispostos a, se degladiando, sustentar seus argumentos até o último suspiro: de um lado, “os partidários de Heráclito (*toû Herakleítou hetaîroi*) fazem coro com extremo vigor neste discurso [da essência móvel] (*choregoûsi toútou toû lógou mála erroménos*)”¹³; do outro lado, os Melissos e Parmênides atiram contra aqueles que tudo é um (*hén te pánta esti*) e imóvel em si mesmo (*hésteken autò hautôî*), não havendo lugar para se mover (*ouk échon chóran en hêi kinêtai*)¹⁴.

Destes dois grupos de combatentes apresentados, o alvo deste nosso estudo é certamente o primeiro exército. Sobre estes discípulos de Heráclito, uma interessante e completa caracterização é feita no diálogo (179d- 180d). Ela parece ser bem exagerada, como pede ser uma boa caricatura:

a) sobre o estado de ânimo dos heraclíticos, uma palavra que lhe marca é o verbo *oistráo*, que significa “ser furioso como uma fera picada por tãvões”, sendo “*oistros*” esses insetos cuja picada deixa os animais furiosos. Para melhor entender este “estado de ânimo”, faremos uma breve citação da tragédia *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo. Nesta obra, Io, uma virgem mortal por quem Zeus se apaixonou, recebe da ciumenta Hera, como castigo por essa sua “falta”, a desgraça de vagar pelo mundo transfigurada em um ruminante que é constantemente atormentado pelas picadas de uma nuvem desses insetos, os “*oistroi*”. Para termos então uma idéia do que significa o verbo *ostráo*, vejamos como Io descreve seu estado:

Céus! (...) O moscardo fere-me de novo com seu ferrão ardente; meu coração bate-me, agitado pelo terror, no peito. Meus olhos já se pertubam, e vejo

11 PLATÃO, *Teeteto* 160d

12 PLATÃO, *Teeteto* 179d

13 PLATÃO, *Teeteto* 179d

14 PLATÃO, *Teeteto* 180e

tudo girar em torno de mim. Arrebata-me a loucura... a língua já se recusa a obedecer e... a razão luta em vão contra um odioso vendaval de insânia... (ESQUILO, *Prometeu Acorrentado*, vv. 568)

Portanto, da cena da tragédia, depreende-se que o estado de ânimo de um animal assolado pelos *ostroi* é uma mescla de arrebatadoras fúria e insanidade; tal é, precisamente, a característica que está sendo imputada aos heraclíticos: misto de insanidade, ferocidade e irracionalidade;

b) de acordo com seus próprios escritos (*katà tà syggrámata*), estão sempre se movendo (*phérontai*) e inquietos: não se demoram no exame de um argumento ou questão por vez, assim como não concatenam perguntas e respostas. Isto é, fazem do mobilismo, mais do que uma explicação da realidade, uma autêntica doutrina de vida! - a fluidez de tal maneira operaria neles que tornaria impossível dialogar com qualquer um desta tribo;

c) a tranquilidade ou quietude (*hesuchías*) dessa gente é tão mínima (*smíkron*) que dizer que é nada (*tò medè*) já é dizer que é muito;

d) ficam soltando sentenças enigmáticas (*rematískia ainigmtóde*), uma atrás da outra, sem dar explicação de nada;

e) eles não se entendem entre si, cada um se achando um sábio inspirado, considerando seus vizinhos ou pares como ignorantes sem valor;

f) não deixam solidificar (*bébaion*) em si mesmos nada, nem nos discursos (*lógoi*), nem nas almas (*psycháis*), travando guerra contra tudo que é parado (*stásimon*), posto que para eles tudo se move (*pánta kineítai*).

Tal são as idéias e disposições dos heraclíticos apresentadas no *Teeteto*. As expressões empregadas por Platão, como bem se vê, dão pleno tom cômico e caricatural à descrição dessa gente “heraclítica”... No contexto da obra platônica, tais idéias de fluidez constituem obstáculo para o que visa Platão, uma ontologia e a teoria do conhecimento fundada nas Formas ou Idéias (*eídōs*). Portanto,

Platão e Heráclito: parricídio (*Teeteto* 179d-180e) e ressuscitação (*Sofista* 242e-243a)?

serão elas combatidas no *Teeteto* até o seu descarte. A refutação desta tese, assim entendida como protagórica-heraclítica, se baseará na demonstração de que uma das consequências deste relativismo e mobilismo universais seria a impossibilidade não só de valores morais, como a da própria linguagem e do pensamento¹⁵. Esta refutação, todavia, não é o tema de nosso estudo. A nós importa apenas o fato de que tal é a doutrina dita heraclítica no diálogo *Teeteto*, e o fato de que ela é aí completamente rechaçada. E este último nos é importante porque, se podemos confiar no testemunho aristotélico-laerciano de um Platão que foi um dia seguidor de Heráclito, então tal refutação representaria a “assassínio” filosófico de seu antigo mestre efésio e sua doutrina da fluidez universal. Platão, dito como o parricida de seu mestre e “pai” Parmênides no *Sofista*, seria também parricida de Heráclito no *Teeteto*?

Bem, deixemos esta questão no ar. Passemos para a obra posterior.

ii) No *Sofista*: Heráclito 2

No dia seguinte, os personagens do *Teeteto* voltarão a se encontrar, na discussão apresentada no diálogo *Sofista*. Vejamos como, então, em determinado ponto desta outra obra, o debate parece... voltar a Heráclito. Nos passos *Sofista* 242c-243a, Estrangeiro e Teeteto se vêm às voltas com o que para eles seriam as antigas doutrinas do ser. Platão traça então o que provavelmente é o primeiro quadro da história da filosofia - anterior, obviamente, ao Livro A da *Metafísica* de Aristóteles -, falando assim dos pré-socráticos:

Segundo um deles há três seres (...). Outro, contenta-se com dois (...). Entre nós, os eleatas, vindos de Xenófanes e mesmo antes dele, admitem o chamado todo como um ser uno (...). Posteriormente, certas Musas da Jônia e da Sicília refletiram que o mais seguro seria entrelaçar ambas [as teses] e dizer: o ser é um e muitos (...). Sua própria divergência é uma eterna convergência : assim dizem, entre estas Musas, as de voz mais elevada. (...) *ho mèn hos tría tà onta* (...). *dúo dè héteros eipón* (...). *tò dè par' hemîn Eleatikòn éthnos, apò Xenophánous te kai éti prósthen arxámenon, hos henòs óntos tôn pánton*

15 PLATÃO, *Teeteto* 183a-b

kalouménon (...). Ídēs dē kai Sikelai tines hýsteron Moûsai sunenóesan hōti symplékein asphaléstaton amphótera kai légein hos tò ón pollá te kai hén estín (...). Diapherómenon gār aeí symphéretai, phásin hai syntonóterai tôn Mousôn (...) (PLATÃO, *Sofista* 242d-e)

A primeira objeção que poderia ser levantada contra nós, nós mesmos já a denunciámos: por que ver, na Musa jônica de voz mais elevada, Heráclito? Certamente que o argumento geográfico é fraco demais, haja vista que a origem de enorme parcela dos pensadores tidos como pré-socráticos foi na Jônia. Não, o motivo de entendermos as palavras da Musa como referência ao efésio não é a “nacionalidade” dela, mas sim as palavras a ela atribuídas: o ser é uno e múltiplo, coabitando a divergência com a convergência. Tal Musa representa, na visão do Estrangeiro, uma fusão entre o monismo e o pluralismo... Ora, usemos: Platão está, nesta exposição do *lógos* da Musa, quase que “citando” Heráclito. Vejamos o que disse o obscuro efésio:

Conjunções: o todo e o não todo (convergente divergente, consoante dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas).

syllápsies. hōla kai ouch hōla (sympherómenon diapherómenon, sunáidon diáidon, kai ek pánton hèn kai ex henòs pánta). (HERÁCLITO, fr. DK 10)

Por que dizemos “quase citando”? Porque é claro que há alguma diferença de termos empregados entre o texto platônico e heraclítico. No *Sofista* lê-se “muitos” (*pollá*), no fragmento 10, “todas as coisas” (*pánta*). No diálogo platônico o verbo *symphéro* está na forma infinitiva; no fragmento, na forma participial. Na antiguidade, sabemos, é comum a referência inexata, seja por ser feita de memória, seja por adequação à estrutura frasal em que aparece. Não é uma citação perfeita, nos critérios acadêmicos atuais. Mas vemos aí uma inquestionável referência. A variação é pequena, o sentido é o mesmo: a realidade é uma coalescência entre unidade e pluralidade, uma união de disposições contrárias - divergir e convergir. Sobre convergente e divergente, Damião Berge, em seu completo estudo da herdada obra heraclítica, ensina:

Symphéreîn é empregado intransitivamente no sentido literal de seus componentes: do prefixo *syn-*,

marcando a unidade, e o verbo *phérein*, “conduzir” (com a tendência centripetal); e o seu contrário é *diaphérein*, “conduzir para além ou através de”, e, intransitivamente, “tender para a diferenciação ou separação” (com ação centrífuga). (D. BERGE, 1948, p. 75)

A imagem cinemática, trazida pelo comentador do âmbito da Física, é extremamente rica: num movimento circular, duas forças atuam sobre o mesmo eixo, porém em direções contrárias: a força centrífuga e a centrípeta. Se a primeira força não atuasse, o corpo tenderia a “cair” no ponto que é o centro da curva que ele descreve. Por outro lado, se não existisse a segunda, o corpo tenderia a ser expulso da curva, expelido para longe dela. Portanto, assim como “princípio e fim se tocam na circunferência do círculo”¹⁶, é preciso uma força que puxa e outra que expela para que o movimento circular se dê. Pensando isso no sentido amplo da realidade, para que os movimentos circulares da vida e do pensamento se dêem, é preciso sempre uma dinâmica dualista de oposições. Afinal, que é a vida senão a dinâmica circular de vida e morte constantemente se dando? E que é o pensamento senão a dinâmica circular de identidade e diferença se dando? Convergência e divergência sempre atuando no pensamento e na vida, num pulsar, como o do coração, em eternas contração e dispersão, *sympherómenon* e *diapherómenon*. A complementariedade de disposições contrárias tem assim como horizonte o todo da realidade: é um princípio ontológico que perpassa tudo o que é, que faz do real uma fundição de unidade e multiplicidade: “(...) consonante dissonante, e de todas as coisas, um, e de um, todas as coisas.”

Ao identificar este aspecto fundamental de tudo que é, da essência do real, Heráclito prossegue denunciando o contato do homem com essa realidade. O homem é o único animal que recebeu o fogo de Prometeu e que portanto está aberto ao *lógos*; o contato deste ente com a realidade se dá assim de uma maneira totalmente *sui generis*, diferente de todos os outros entes. Tal contato pode ser de dois tipos.

Sem compreensão: ouvindo, parecem surdos, o ditado lhes concerne: presentes estão ausentes.”

¹⁶HERÁCLITO, fr. DK 103.

axínetoi: akóúsantes kophóisin eoíkasi. Phátis autoísi martyreî pareóntas apeínai. (HERÁCLITO, fr. DK 34)

Não compreendem, como concorda o que de si difere: harmonia de movimentos contrários, como do arco e da lira.

ou xuniásin hókos diapherómenon heoytói homologéei: palíntropos harmonié hókosper tóxou kai lýres. (HERÁCLITO, fr. DK 51)

O primeiro tipo de homens teria um contato com esta realidade que poderíamos chamar de “fraco”. Neste contato, a realidade aparece como pura multiplicidade, como pluralidade repleta de movimentos contrários e dissonantes, divergentes. Tais movimentos, assim, sempre aparecem aos nossos olhos, uns em relação aos outros, como em eterna discórdia ou luta (p ex fr. DK 80). Tais diferenças traduzem-se aos seus olhos como disposições ou forças antagônicas e desconexas, como aos olhos do néscio em Física apareceriam as supracitadas forças centrípeta e centrífuga. Este, no entanto, é o olhar do vulgo, parece querer dizer Heráclito. Trata-se de um olhar ou ouvido *fraco*, distraído, que, ouvindo, parece surdo, que presente, está ausente; nesta sua falta de argúcia de visão – ou de audição, sentido privilegiadao pelo efésio para falar deste com contato com esta realidade -, tal tipo de homem se perde em meio à multiplicidade e ao fluxo, considerando-os como únicas instâncias do real, não compreendendo que uma unidade ou harmonia perpassa os elementos contrários. Neste categoria de homens Heráclito incluiu Xenófanes e Pitágoras, e até mesmo Hesíodo e Homero.

A filosofia, por outro lado, diz respeito ao outro tipo de contato com o real. Diz respeito precisamente à argúcia na audição do canto do mundo: a complementariedade e união entre o que diverge. Nasce um filósofo quando, em meio ao fluxo, um homem passa a espantar-se (*thaumátizein*)¹⁷ com a presença da unidade na multiplicidade. Da convergência na divergência. Da contração na distração. O ouvido da filosofia é o que presta atenção na máxima lição que o *Lógos* doa aos homens: “Auscultando não a mim mas ao lógos, é sábio concordar que tudo é um (*ouk emoû allà toû lógou akóúsantas homologeîn sophón estin hén pánta eínai*). [HERÁCLITO, fr. DK 50].

¹⁷PLATÃO, *Teeteto* 155d

A escuta da lição do *Lógos* proporciona a visão do todo, do cósmos, da “mais bela harmonia”[HERÁCLITO, fr. DK 8], da mais bela convergência que perpassa tudo que há. Tal é, para Heráclito, o tipo de contato mais elevado que o homem pode ter com o real. “De um, todas as coisas, e de todas as coisas, um”, diz o fragmento heraclítico DK 10; “tudo é um”, brada o fr. DK 50. “O ser é um e múltiplo”, disse o Estrangeiro que é o *lógos* da Musa jônica de voz mais elevada. Tal Musa, que aponta para o binômio unidade-pluralidade, é, portanto, Heráclito. Segundo o texto do *Sofista*, tal pensador representa o entrelaçamento do *lógos* do *um* eleata com o *lógos* dos seres múltiplos de outros pré-socráticos. Tal como a sua própria concepção de realidade, o efésio não é a refutação nem a vitória de um ou outro *lógos*, mas é o “*desmós*”, a ligação, o nó, a juntura (*harmonía*) destas idéias conflitantes. Tal é a visão que o diálogo *Sofista* apresenta do efésio.

iii) Dois “Heráclitos”?

Um pensamento então nos causa espécie: como pode um pensador num diálogo ser identificado com uma teoria “mobilista”, “pluralista” e “relativista”, sendo sumariamente refutado por isso, para no diálogo “seguinte”, ser enaltecido como o ponto alto da filosofia pré-socrática – a saber, por ter alcançado a façanha da visão completa do real, que lhe toca o superficial e o profundo, o múltiplo e o uno, o caos e o cósmos -? Ou, dito de outro modo: como pode o antigo mestre de Platão ser morto de forma fria pelo seu antigo discípulo, no *Teeteto*, para ser honrado e trazido de volta à vida do pensamento, no *Sofista*? Bem, atentemos para quem fala no *Teeteto* e de quem se fala.

Neste diálogo, a caracterização da doutrina heraclítica foi feita basicamente pelas bocas dos personagens Sócrates e Teodoro. Como já visto, neste diálogo, heraclitismo é o mesmo que um relativismo e um mobilismo universais, tendo o real assim sempre um só aspecto: a mera pluralidade, a fluidez que torna tudo diferente de tudo, inclusive cada coisa diferente de si mesma, não havendo uniões ou unidades. Nada existe de verdadeiro ou sólido, mas apenas tudo devém, numa torrente de elementos contrários, sem encaixe ou conjuntura entre si. Entretanto, para o filósofo Efésio, estes, que se diriam heraclíticos segundo o *Teeteto*, são o tipo de gente que se percebe, num olhar mais atento, que precisamente ele mais criticou. São aqueles que possuem o tipo de contato *fraco* com realidade,

Platão e Heráclito: parricídio (*Teeteto* 179d-180e) e ressuscitação (*Sofista* 242e-243a)?

sendo assim surdos que não ouvem o *Lógos*. Não possuindo o olhar e a escuta próprios à filosofia, para Heráclito, estas pessoas são aquelas que “não compreendem como concorda o que de si diverge (*diapherómenon*)” [HERÁCLITO, fr. DK 51].

Não atentos portanto à máxima do Lógos – “tudo é um” -, tais “heraclíticos” (na visão do *Teeteto*) seriam, no entender de Heráclito, a expressão da opinião do vulgo, i.é, daqueles que são cegos e surdos para o âmago do real, para a unidade entre elementos e eventos múltiplos e aparentemente conflitantes. São pessoas que não entenderam que, a despeito da aparência de constante fluxo com que o real se nos apresenta, subjaz sempre uma unidade, algo estável, e que o todo não é mera multiplicidade, movimento e devir. Concordes ao fato de que este é o ponto chave do pensamento do efésio parecem estar Kirk e Raven quando afirmam:

Todos os pensadores pré-socráticos foram impressionados pelo predomínio da mudança no mundo da nossa experiência e Heráclito não constitui uma exceção: de fato, talvez ele tenha expresso a universalidade da mudança com mais clareza do que os seus predecessores, se bem que, para ele, o que tinha importância vital era a idéia inversa, a da medida inerente à mudança, a estabilidade que persiste através dela. (G.S KIRK, J.E. RAVEN, 1990, pg 188) (grifo nosso)

De fato, nenhum fragmento afirma o dito mobilismo absoluto, que tanto se atribuiu a Heráclito, e, de um número enorme deles (p. ex., fr.s 8, 10, 30, 51, 54 e, primordialmente, o 50) depreende-se que o real na verdade é uma dinâmica dupla de movimento e repouso, identidade e diferença. Nas palavras de Berge, para o efésio os homens do vulgo “ignoram como ao exterior multiforme corresponde um ser intrínseco todo uno, e à multiplicade visível, a unidade invisível”¹⁸.

Concorde a nós, também, está o filólogo Karl Reinhardt. A respeito desses pontos, ele buscou demonstrar, numa parte de seu estudo *Parmenides un die Geschichte der griechischen Philosophie*, que Heráclito nunca se ocupou do dito *pánta rei* (“tudo flui”), expressão a qual inclusive não se encontra em nenhum fragmento

18D. BERGE, 1948, pg. 47. Cf. HERÁCLITO, fr. DK 54.

Platão e Heráclito: parricídio (*Teeteto* 179d-180e) e ressuscitação (*Sofista* 242e-243a)?

conhecido¹⁹. Aliás, prendendo-nos a este detalhe da relação da visão de Heráclito apresentada nos dois diálogos platônicos com as próprias palavras de Heráclito, podemos perceber que: i) se, por um lado, Platão se valhe das palavras do efésio no *Sofista*, e o enaltece, por outro lado, ii) no *Teeteto*, nas críticas de Sócrates à doutrina da fluidez, em momento algum Heráclito é citado. Ou melhor, Sócrates o cita uma única vez, porém não atribuindo as palavras de Heráclito a Heráclito, mas a Parmênides e Melissos! De fato, como bem apontou Nestor Cordero²⁰, o “tudo é um”, encarado em *Teeteto* 180e como uma bomba que os eleatas arremessam contra os heraclíticos, é precisamente a máxima que no fr. DK 50 do efésio o *Lógos* ensina aos homens! - e que, provavelmente, ele tinha para si como a máxima de sua filosofia.

Se, por um lado, o Estrangeiro, no *Sofista*, está glorificando o efésio pelas suas próprias palavras, no *Teeteto*, Sócrates e Teodoro parecem criticá-lo ao extremo por algo que, ao que parece, ele nunca disse. Tudo flui como um rio? Onde está isso em Heráclito? O fragmento heraclítico que lida com mais completude da imagem do rio é o de no. DK 49a, que diz: “no mesmo rio entramos e não entramos, somos e não somos”.

Isto é, no mesmo ato, no mesmo evento, coabitam identidade e diferença, pluralidade e unidade, movimento e permanência. Enxergar aí apenas metade do que está dito nos parece visão por demais caolha de sua filosofia. No entanto, bem sabemos, tal visão ciclópica foi o que se espalhou pela tradição da história da filosofia. Os filósofos posteriores e os manuais de filosofia bradam a todo vapor “Heráclito, o pensador do devir, da fluidez, da multiplicidade, etc...”. Insurgir-se contra esta leitura é entrar em guerra, como diz Berge, contra uma hidra de mais de 2.000 anos de idade²¹! E quem seriam os heraclíticos criticados no *Teeteto*? Que eles existiram, não só o diálogo platônico o atesta, mas também Diógenes de Laércio, quando afirma que os escritos de Heráclito ficaram tão famosos que deram origem a uma corrente de seguidores, denominados “heraclíticos”. Certamente, portanto, a associação de doutrina efésia com um mobilismo e um relativismo protagórico não deve ser invenção platônica no *Teeteto*, mas sim uma idéia corrente na Atenas da época.

19K. REINHARDT, 1916.

20N. CORDERO, 1991, p. 115, nota 67.

21D. BERGE, 1948, p. 22.

Platão e Heráclito: parricídio (*Teeteto* 179d-180e) e ressuscitação (*Sofista* 242e-243a)?

Reinhardt, mais uma vez, sobre este ponto jogará uma luz. O filólogo alemão afirma²² que Crátilo de Atenas foi o grande responsável pela associação do pensamento do devir com o do obscuro efésio, e que este ateniense ensinava as suas próprias idéias de fluidez universal como se de Heráclito fossem. Esta sua associação deve ter sido de tal modo disseminada, que suas idéias de mobilismo radical se espalharam entre seus contemporâneos como se fossem de fato as idéias de Heráclito. Lembremo-nos de que, segundo o testemunho de Diógenes, Platão seguia doutrinas heraclíticas no início de sua atividade filosófica. Ora, quem foi o seu primeiro professor de filosofia? Ninguém menos do que o mesmo homem, Crátilo de Atenas. As duras críticas de Sócrates no *Teeteto*, então, talvez tenham endereço certo: o antigo mestre de Platão, que era pregador de um mobilismo radical e que alegava tê-lo herdado de Heráclito de Éfeso. Sobre isso, além de Reinhardt, também parecem estar de acordo Kirk e Raven:

(...) *pánta reî* ou *pánta choreî*. Segundo Aristóteles, em *Met.A6* 987a32, Platão foi influenciado em sua juventude pela importância dada por Crátilo a este parecer. (...) É possível que Platão tenha simplesmente sido induzido ao erro, especialmente pelos exageros sofisticos do séc. V, ao distorcer a importância dada por Heráclito a este aspecto; quanto a Aristóteles, aceitou a interpretação platônica do devir e exagerou-a ainda mais. (G.S KIRK, J.E. RAVEN, 1990, p. 188).

E, para que não reste dúvidas, trazemos as próprias palavras do estagirita sobre seu mestre:

“[Platão,] tendo-se familiarizado, desde a sua juventude, com Crátilo e as opiniões de Heráclito segundo as quais todos os sensíveis estão em perpétuo fluir, e deles não pode haver ciência, também mais tarde não deixou de pensar assim”²³.

Tal interpretação cratiliana da obra heraclítica, como bem se sabe, foi assimilada, por quase toda a tradição posterior da história da filosofia, como sendo a própria filosofia de Heráclito; e é exatamente a justaposição entre esta interpretação e o pensamento original efésio que é apresentada com todas as letras no *Teeteto* e no *Crátilo*. É então

22K. REINHARDT, 1916, p.47

23ARISTÓTELES, *Met. A 6*

Platão o grande culpado pela posição mobilista de Crátilo ser identificada, por nós, posteriores, com a de Heráclito? Talvez. As idéias apresentadas por ele, p. ex., no *Crátilo*, foram ensinadas pelos historiadores da filosofia posteriores como sendo de fato o que pensava Heráclito – vejam-se, à guisa de exemplo, as aulas de filosofia grega de Hegel, de Nietzsche e de Cavalcante de Souza:

Heráclito diz em alguma passagem que todas as coisas se movem e nada permanece imóvel. E, ao comparar os seres com a corrente de um rio, afirma que não poderia entrar duas vezes num mesmo rio. (PLATÃO, *Crátilo* 402a)

(...) a essência é a mudança. (...) Temos, porém, ainda uma outra expressão que aponta mais exatamente o sentido do princípio. Pois Heráclito diz: “Tudo flui (*panta rei*), nada persiste, nem permanece o mesmo”. E Platão ainda diz de Heráclito: “Ele compara as coisas com a corrente de um rio – que não se pode entrar duas vezes na mesma corrente”; o rio corre e toca-se outra água. Seus sucessores dizem até que nele nem se pode *mesmo* entrar, pois que imediatamente se transforma; o que *é*, ao mesmo tempo já novamente não *é*. (...) isto *é*, o verdadeiro *é* o devir, não o ser – a determinação mais exata para este conteúdo universal *é* o devir. (...) Heráclito diz: Tudo *é* devir; este devir *é* o princípio, (...) nada *é* constante.” (HEGEL, 1996, p. 319)

Pois o único mundo que ele [(Heráclito)] conservou (...) nada mostra de permanente, nada de indestrutível, nenhum baluarte no seu fluxo. Heráclito exclamou mais alto do que Anaximandro: "Só vejo o devir. Não vos deixeis enganar! É à vossa vista curta e não à essência das coisas que se deve o fato de julgardes encontrar terra firme no mar do devir e da evanescência. Usais os nomes das coisas como se tivessem uma duração fixa; mas até o próprio rio, no qual entráis pela segunda vez, já não *é* o mesmo que era da primeira vez. (NIETZSCHE, 1989, p. 19)

Numa série de aforismos, Heráclito enfatiza o caráter mutável da realidade, repetindo uma tese que já surgira nos mitos arcaicos e, com dimensão filosófica, desde os milesianos. Mas em Heráclito a noção de fluxo universal torna-se um mote

insistentemente glosado: “Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti” (D 12)” (SOUZA, p. 25)

Se instaurássemos assim um tribunal da história da filosofia, Platão muito provavelmente com razão deveria ser acusado por legar ao Ocidente esta visão mobilista-cratiliana de Heráclito. Todavia, se atentarmos para a sutileza da escrita platônica, é possível que ela possa ainda garantir-lhe alguma possibilidade de absolvição deste crime grave. Isto porque, embora o *Crátilo* contenha as palavras acima, no *Teeteto*, por outro lado, o problema maior da personagem Sócrates parece ser menos com Heráclito ele mesmo do que com “*toû Herakleítou hetaîroi*”, os partidários de Heráclito. Estes parecem ser realmente o grande problema, estes sim foram caracterizados como bestas furiosas em eterno e completo movimento, e é com eles que se alegou não ser possível dialogar. Eles não são nomeados, mas sabe-se que Crátilo não só parece ter sido o nome mais eminente, como foi ele próprio, segundo Aristóteles e Diógenes, que ensinou o “heraclitismo” a Platão – ou melhor, que ensinou a sua própria visão pessoal de heraclitismo, veja-se bem. Portanto, embora Heráclito esteja sim no alvo de críticas do *Teeteto*, não parece estar ele exatamente no centro do “olho de boi” deste diálogo. O alvo principal, o texto dá a entender, parece ser, mais que o pensador, os que se intitularam seguidores dele. Neste ponto o *Crátilo* não toca, o que talvez, do ponto de vista dramático, seja compreensível: este outro diálogo trata-se de uma conversa bastante difícil com exatamente a mais problemática destas “bestas furiosas” partidárias do dito “heraclitismo”: o próprio Crátilo. Nesta diferença dramática entre os diálogos, é aceitável que: a) por um lado, uma obra não explore a diferença entre o filósofo efésio e aquele com quem se conversa, que se dizia seguidor dele; e que, b) por outro lado, a outra obra possa operar já tendo em vista tal diferença.

iv) Conclusão: parricídio e subsequente ressuscitação?

Voltemos então à questão que é o mote deste texto: tendo sido na juventude Platão um seguidor do pensamento de Heráclito, conforme nos informam as fontes antigas, teria ele, quando já maduro, cometido o parricídio deste seu mestre e “pai” filosófico? E, mais ainda: teria ele, na obra seguinte, se arrependendo deste feito,

Platão e Heráclito: parricídio (*Teeteto* 179d-180e) e ressuscitação (*Sofista* 242e-243a)?

afirmado a propriedade das idéias de seu mestre efésio, trazendo-o de volta à vida do pensamento? Nossa posição é: Heráclito recebe sim uma referência enaltecida e honrosa no *Sofista*, mas não existiria uma ressuscitação aí – porque, a rigor, ele nem foi morto no *Teeteto*. Se o “heraclitismo” seguido por Platão no início de seu aprendizado, e combatido no *Teeteto*, não foi um baseado exatamente na obra de Heráclito, conforme visto, mas na “pregação” tendenciosa de Crátilo, então não há que se falar em parricídio do efésio neste diálogo. Sócrates e Teodoro no *Teeteto* parecem falar o tempo todo muito mais das doutrinas heraclíticas disseminadas no meio social em que vivem, parecem estar criticando muito mais os “partidários de Heráclito”, do que o próprio filósofo efésio, ao passo que, no outro diálogo, o Estrangeiro de Eléia, ao elogiar-lhe, usa termos presentes textualmente na obra do pré-socrático. Isto é, num ponto se critica os muitos que se diziam heraclíticos, sendo que, foi visto aqui, eles são na verdade os “surdos” ao *lógos* criticados duramente por Heráclito; no outro se honra o próprio efésio por aquilo que ele efetivamente escreveu. A lucidez de Platão quanto a esta distinção, cremos, é atestada, através do personagem Estrangeiro, pelo notório elogio a Heráclito – ainda que, talvez, na trama platônica, o personagem Sócrates pudesse não ter clara para si esta distinção. Por isso falamos numa possibilidade de absolvição de Platão pela confusão, na história da filosofia, entre as duas posições – de Heráclito e de Crátilo. Possibilidade essa devida às sutilezas na escritura dos diálogos. Se um personagem não atenta para a diferença entre as duas posições, isso não significa que em outra obra outro personagem não possa fazê-lo. O que seria possível falar - e com acerto, provavelmente -, é num parricídio por parte de Platão do mestre Crátilo, e, talvez, de outros professores heraclíticos. Parricídio este, sem ressuscitação, levado a cabo, apropriadamente, através da boca fictícia de um outro mestre, Sócrates.

Referências bibliográficas

ANAXIMANDRO, PARMENIDES, HERÁCLITO. *Os pensadores originários*. Introdução e trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1999.

Platão e Heráclito: parricídio (*Teeteto* 179d-180e) e ressuscitação (*Sofista* 242e-243a)?

BERGE, Frei Damião. *O Lógos heraclítico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1948 (tese de concurso à cadeira de Língua e Literatura Grega da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil).

CORDERO, N.-L. L'invention de l'école éleatique: Platon, *Sophiste*, 242d. In: AUBENQUE, P. (Dir.). *Études sur le Sophiste de Platon*. Napoli: Bibliopolis, 1991, p. 91-124.

DIÓGENES LAERTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1988.

ESQUILO, “Prometeu Acorrentado”, Trad. de J.B. Mello e Souza. In *Clássicos Jackson vol. XXII*, fonte: www.ebooksbrasil.org ([página de internet](#))

HEGEL, F. *Preleções de história da filosofia grega*. Trad. Ernildo Stein. In: *Os Pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores)

KIRK, G.S., RAVEN, J.E. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1990.

NIETZSCHE, F. *A Filosofia na época trágica dos gregos*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. In: *Os Pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Coleção Os Pensadores)

PLATÃO, *Teeteto*. *Crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: UFPA, 2001.

PLATÃO, *Diálogos*. Trad. J.C. de Souza, J. Paleikat e J.C. Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

PLATON. *Oeuvres Complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1920-1956. Tomes I a XII. (fonte do texto grego utilizado).

